

**“QUEM SOU?”: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O TESTEMUNHO  
IMPRESSO E O MANUSCRITO DO POEMA  
DE YDE SCHLOENBACH (1908)**

*Michelli dos Santos Maciel (USP)*

[michellimaciel@usp.br](mailto:michellimaciel@usp.br)

*Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP)*

[msantiago@usp.br](mailto:msantiago@usp.br)

**RESUMO**

O poema “Quem sou?”, de autoria de Yde Schloenbach, foi publicado no livro “Vislumbres” (1908), que reúne escritos da poeta datados de 1905 a 1908. O exemplar de 1908 está disponível para consulta na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin em São Paulo. O manuscrito do poema foi escrito no dia 08 de julho de 1908, no Rio de Janeiro, pela escritora paulista, também conhecida pelos pseudônimos: Colombina e Paula Brasil. E está presente no *Álbum dedicado a Ernesto Senna*, que faz parte da *Coleção Ernesto Senna*. O fac-símile digital do álbum está disponível no *website* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A coleção composta por mais de 1.400 documentos integra o acervo físico da Instituição. Para este estudo filológico, comparar-se-á os dois testemunhos, o impresso e o manuscrito, a fim de constatar se são idênticos ou possuem alguma diferença. Além da comparação entre os testemunhos, pretende-se apresentar sucintas informações sobre a autora e breves comentários paleográficos e codicológicos sobre o manuscrito.

**Palavras-chave:**

Ernesto Senna. Estudo filológico. Yde Schloenbach.

**ABSTRACT**

The poem “Who am I?”, written by Yde Schloenbach, was published in the book “Vislumbres” (1908), which brings together the poet’s writings dated from 1905 to 1908. The 1908 copy is available for consultation at the Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin in São Paulo. The poem’s manuscript was written on July 8, 1908, in Rio de Janeiro, by the writer from São Paulo, also known by the pseudonyms: Colombina and Paula Brasil. And it is present in the *Album dedicated to Ernesto Senna*, which is part of the *Ernesto Senna Collection*. The digital facsimile of the album is available on the Rio de Janeiro National Library website. The collection, made up of more than 1,400 documents, is part of the Institution’s physical collection. For this philological study, the two testimonies, the printed and the manuscript, will be compared in order to see if they are identical or have any differences. In addition to comparing the testimonies, we intend to present brief information about the author and brief paleographic and codicological comments on the manuscript.

**Keywords:**

Ernesto Senna. Philological study. Yde Schloenbach.

## **1. Introdução**

O objetivo deste artigo é realizar uma comparação do testemunho impresso do poema “Quem sou?”, de Yde Schloenbach, publicado no livro “Vislumbres” (1908) e do manuscrito presente no *Álbum dedicado a Ernesto Senna* a fim de constatar se há semelhanças ou diferenças entre eles. Este estudo filológico está organizado nas seguintes seções: 1. Introdução; 2. Considerações iniciais; 3. Yde Schloenbach; 4. Cotejo das edições; 5. Breve análise paleográfica e codicológica; 6. Considerações finais; e Referências bibliográficas.

Na segunda seção optou-se por contextualizar os elementos que serão comparados, isto é, o poema “*Quem sou?*”, publicado no livro “Vislumbres” (1908) e o manuscrito do poema presente no *Álbum dedicado a Ernesto Senna*. Na terceira seção, o foco será dado à Yde Schloenbach, ao dispor de informações sobre a poeta. A quarta seção exibe o cotejo das edições com a exposição do fac-símile do manuscrito, de fotos do poema tiradas do livro, a transcrição do impresso e apontamento dos dados encontrados. Breves comentários paleográficos e codicológicos sobre o manuscrito analisado serão apresentados na quinta seção, através da elaboração de quadro com alguns componentes encontrados no texto, tais como: números, diacríticos, paragrafação, entre outros. As considerações finais sobre o estudo serão expostas na sexta e última seção.

Este trabalho não esgota todas as possibilidades de análises do manuscrito, do impresso ou da autora, razão pela qual optou-se pela escolha dos pontos apresentados, sendo apenas um recorte do que pode ser encontrado no documento. Quanto aos dados paleográficos e codicológicos, são apresentados de forma sucinta, pois são elaborados a partir do fac-símile digitalizado do manuscrito, ou seja, para uma análise mais aprofundada, seria necessário o estudo a partir do documento físico.

## **2. Considerações iniciais**

Para o bom desenvolvimento desta análise faz-se necessário contextualizar o poema que é o principal objeto de estudo deste texto. Objetiva-se fazer uma comparação entre a versão impressa e a manuscrita do poema “Quem sou?”, de autoria de Yde Schloenbach. O testemunho impresso do poema foi publicado no livro “Vislumbres” (1908) que reúne escritos da poeta paulista datados de 1905 a 1908. O exemplar utilizado para este artigo faz parte do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin em São Paulo. Já o manuscrito do poema que será utilizado pos-

sui o mesmo nome do impresso e integra o *Álbum dedicado a Ernesto Senna*. O manuscrito datado de 08 de julho de 1908, foi escrito no Rio de Janeiro e assinado pela mesma autora Yde Schloenbach, também foi conhecida pelos pseudônimos: Colombina e Paula Brasil.

O *Álbum dedicado a Ernesto Senna* possui 68 páginas com 296 documentos diversos, entre eles: assinaturas, desenhos, partituras, poemas e dedicatórias para o jornalista Ernesto Senna. A *Coleção Ernesto Senna* compõe o acervo físico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e reúne mais de 1.400 documentos. Para este estudo filológico utilizou-se o fac--símile digital do manuscrito disponível no sítio eletrônico da Instituição.

### 3. *Yde Schloenbach*

Yde (Adelaide) Schloenbach Blumenschein nasceu na cidade de São Paulo, em 26 de maio de 1882. Era descendente de alemães e franceses, “Filha de Otto Schloenbach e D. Adelaide Dorison” (Cf. MENEZES, 1978, p. 117). Realizou parte dos seus estudos na Europa, aprendeu alemão, francês, inglês, espanhol e italiano. Estudou ainda canto e piano. Foi “poetisa, prosadora, poliglota, mãe de Elisa Schloenbach Blumenschein” (COUTINHO, 1990, p. 331).

Os primeiros poemas foram publicados no jornal A Tribuna, de Santos. Foi colaboradora de diversos jornais e revistas, dentre eles: O Malho, Fon-Fon, Careta e Jornal das Moças. Além dos pseudônimos Colombina e Paula Brasil, utilizava ainda YS como monograma.

Cedo começou a escrever versos que a “Tribuna” de Santos sucessivamente publicava, sob o pseudônimo de “Paula Brasil”. Mais tarde, resolveu substituí-lo pelo de “Colombina”, com que deu de aparecer freqüentemente nas revistas da época, de S. Paulo e do Rio. (MELO, 1954, p. 98)

A Enciclopédia do Itaú Cultural traz o verbete abaixo dedicado à Colombina:

Colombina (São Paulo SP 1882 - idem 1963), cujo nome verdadeiro é Yde (Adelaide) Schloenbach Blumenschein, publica seus primeiros poemas por volta de 1900, no jornal A Tribuna, de Santos SP, sob o pseudônimo de Paula Brasil. Em 1906 funda a revista O Sorriso, em São Paulo SP. Seu primeiro livro de poesia, *Vislumbres*, 1905/1908, é lançado em 1908. Seguiram-se *Versos em Lá Menor* (1930) e *Lampião de Gás* (1937). No início da década de 1930 atua como colaboradora nos jornais *Fon-Fon*, *Careta* e *Jornal das Moças*, com o pseudônimo Colombina. Em 1948 cria a *Casa do Poeta Lampião de Gás*, que editava um periódico, *O Fanal*, do qual participa como diretora. Publica ainda *Distância* (1948),

Trovas (1955), Cantigas ao Luar (1960) e Rapsódia Rubra (1961), entre outros livros de poesia. Poeta parnasiana, Colombina é, segundo a crítica Maria Thereza Cavalheiro, "feminista por temperamento" e "divulgou, aos quatro ventos, seus versos eróticos, nascidos de sua grande sensibilidade de artista e de mulher". (ENCICLOPÉDIA, 2023)

A escritora foi casada com Hannery Blumenschein, do relacionamento entre eles nasceram dois filhos: "Elza Elizabeth Schloenbach Blumenschein" e "Ferdinando Otto Hannery Blumenschein" (Cf. FARRA, 2022, p. 3), porém o casamento acabou em desquite:

[...] O que para época era um escândalo. Mas Colombina pouco ligava para o que falavam dela. Separada, fumava em público e frequentava os salões e a intelectualidade de sua época, tinha uma vida independente e viveu-a como quis, mesmo recebendo, por isso, críticas de amigos e familiares. Os saraus que dava em sua casa levaram à criação, em 1948, da Casa do Poeta Lampião de Gás, batizada com o nome de um de seus livros de poesia. Além de mais antiga agremiação de poetas de São Paulo, a Casa do Poeta é atualmente a mais antiga organização associativa de poetas da América, funcionando ininterruptamente até os dias atuais. (REZZUTTI, 2018, p. 244)

Segundo o prefácio do livro *Vislumbres*, escrito por Luiz Edmundo (1908), a autora estava preocupada com a recepção do seu livro, fato que o prefaciador rebate ao dizer que "o vosso livro é daquelles para os quaes só póde haver sympathias e complacencias" (EDMUNDO, 1908 apud BLUMENSCHHEIN, 1908, [n.p.]). A reportagem do jornal A Tribuna trouxe uma nota sobre a publicação, cujos dois primeiros parágrafos foram reproduzidos abaixo:

Da primorosa poetisa paulista Yde Schloenbach, nossa brilhante collaboradora, recebemos hontem, em elegante brochura, uma preciosa collecção de sonetos, a que a sua inspirada autora deu o título de *Vislumbres*. É prefaciado por Luiz Edmundo, esse livro que vem dar mais fulgor ao nome já brilhante de Yde Schloenbach<sup>37</sup>. (A Tribuna, 1908, p. 1)

Yde Schloenbach "tornar-se-á responsável pela edição do jornal dessa entidade [Casa do Poeta], o Fanal, de que foi diretora até o número 103, deixando-o pronto para a edição na véspera da madrugada de 14 de março de 1963, quando falece durante o sono. (...)” (FARRA, 2022, p. 4). Faleceu em São Paulo, deixando a edição do jornal pronta para a publicação.

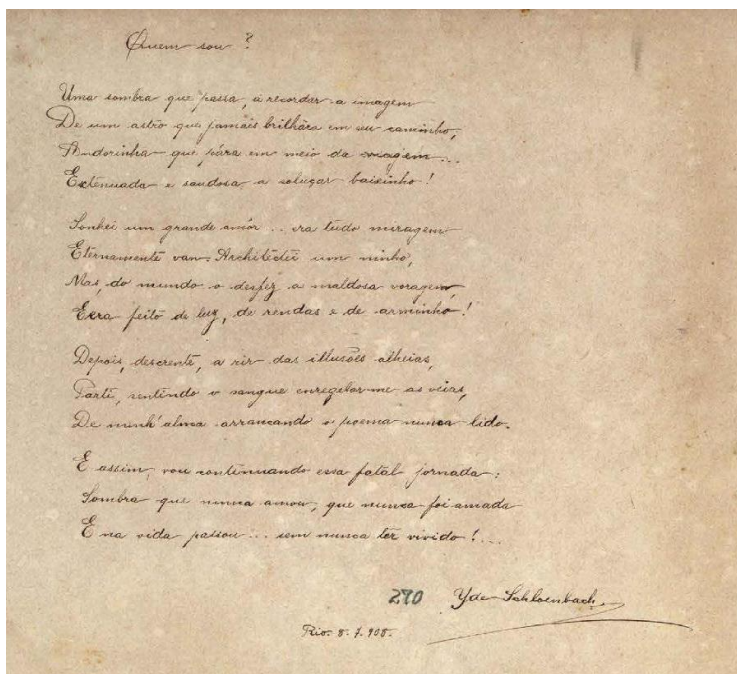
---

<sup>37</sup> "Vislumbres". A Tribuna. Santos, 25 de novembro de 1908. Disponível em: [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153931\\_00&pasta=ano%20190&pesq=Vislumbres&pagfis=1366](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153931_00&pasta=ano%20190&pesq=Vislumbres&pagfis=1366). Acesso em: 27 fev. 2023. A grafia original foi mantida.

#### 4. Cotejo das edições

Para efeito de comparação, será exibido o recorte da edição fac--similar presente no *Álbum dedicado a Ernesto Senna* e na sequência a edição elaborada a partir do manuscrito “Quem sou?”, de Yde Schloenbach.

Figura 1: Recorte do fac-símile do manuscrito “Quem sou?”, de Yde Schloenbach.



Fonte: [ÁLBUM dedicado a Ernesto Senna]. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1884-1910. 296 doc. (68 p.), Orig., Aut. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1529052/mss1529052.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1529052/mss1529052.pdf). Acesso em: 23 fev. 2023.

A edição elaborada a partir do manuscrito baseia-se na edição semi-diplomática, cuja definição proposta por Cambraia (2005), propõe que a interferência do editor seja mediana. Será feito o desenvolvimento de abreviaturas e as informações relevantes para o entendimento serão dispostas em notas de rodapé, conforme a seguir:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

“Quem sou?”<sup>38</sup>

- Uma sombra que passa, a recordar a imagem  
De um astro que jamais brilhara em seu caminho;  
Andorinha que pára em meio da viagem...  
5 Extenuada e saudosa a soluçar baixinho!

Sonhei um grande amôr... era tudo miragem  
Eternamente van. Architectei um ninho,  
Mas, do mundo o desfez a maldosa voragem,<sup>39</sup>  
E era feito de luz, de rendas e de arminho!

- 10 Depois, descrente, a rir das illusões alheias,  
Parti, sentindo o sangue enregelar-me as veias,  
De minha alma arrancando o poema nunca lido.

- E assim, vou continuando essa fatal jornada:  
Sombra que nunca amou, que nunca foi amada  
15 E na vida passou... sem nunca ter vivido!...

YdeSchloenbach<sup>40</sup>

Rio. 8.7.908.

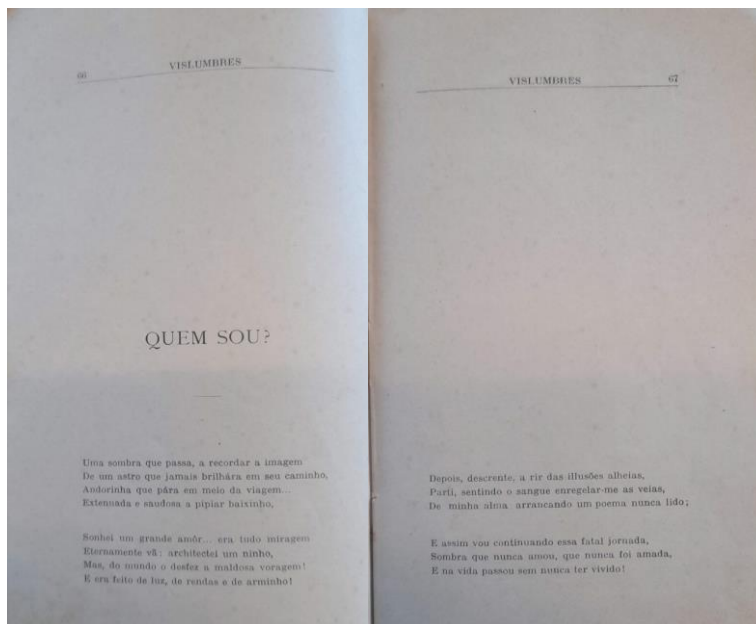
As imagens referentes ao poema impresso no livro “Vislumbres”  
(1908) serão disponibilizadas a seguir:

---

<sup>38</sup> Este fôlio apresenta o carimbo molhado em formato redondo com os dizeres: “Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, no canto superior esquerdo. Apresenta ainda o número “118” escrito a lápis próximo ao carimbo. A página também contém uma partitura que não será detalhada neste trabalho.

<sup>39</sup> A letra “m” parece que foi sobrescrita, pois está mais marcada que as demais.

<sup>40</sup> O número “270” está escrito antes da assinatura.



Figuras 2 e 3: Imagens do poema “Quem sou?”.

Fonte: Fotos tiradas das páginas 66 e 67 do livro “Vislumbres” (BLUMENSCHNEIN, 1908), em 14 de fevereiro de 2023.

Para a elaboração da transcrição do testemunho impresso, as diferenças encontradas em relação ao manuscrito foram transcritas na cor vermelha, como em “pipiar”, já as informações suprimidas foram marcadas com o tachado, conforme o exemplo: “E assim;”. Apresenta-se a transcrição do impresso:

- “Quem sou?”  
 Uma sombra que passa, a recordar a imagem  
 De um astro que jamais brilhára em seu caminho,  
 Andorinha que pára em meio da viagem...  
 5 Extenuada e saudosa a pipiar baixo,   
 Sonhei um grande amôr... era tudo miragem  
 Eternamente vã: architectei um ninho,  
 Mas, do mundo o desfez a maldosa voragem!  
 E era feito de luz, de rendas e de arminho!  
 10 Depois, descrente, a rir das illusões alheias,

- Parti, sentindo o sangue enregelar-me as veias,  
De minha alma arrancando o poema nunca lido;  
E assim, vou continuando essa fatal jornada,  
Sombra que nunca amou, que nunca foi amada  
15 E na vida passou sem nunca ter vivido!...

Para ilustrar as diferenças encontradas de forma clara e objetiva, as duas transcrições foram colocadas lado a lado. A transcrição do manuscrito está posicionada do lado esquerdo da margem e a do impresso do lado direito, conforme o seguinte:

- |    | <b>Manuscrito</b>                               | <b>Impresso</b>                                 |
|----|---|---|
|    | “Quem sou?”                                     | “Quem sou?”                                     |
|    | Uma sombra que passa, a recordar a imagem       | Uma sombra que passa, a recordar a imagem       |
|    | De um astro que jamais brilhara em seu caminho; | De um astro que jamais brilhara em seu caminho, |
|    | Andorinha que pára em meio da viagem...         | Andorinha que pára em meio da viagem...         |
| 5  | Extenuada e saudosa a soluçar baixinho!         | Extenuada e saudosa a pipiar baixinho,          |
|    | Sonhei um grande amor... era tudo miragem       | Sonhei um grande amor... era tudo miragem       |
|    | Eternamente van. Architectei um ninho,          | Eternamente vã: architectei um ninho,           |
|    | Mas, do mundo o desfez a maldosa voragem,       | Mas, do mundo o desfez a maldosa voragem!       |
|    | E era feito de luz, de rendas e de arminho!     | E era feito de luz, de rendas e de arminho!     |
| 10 | Depois, descrente, a rir das ilusões alheias,   | Depois, descrente, a rir das ilusões alheias,   |
|    | Parti, sentindo o sangue enregelar-me as veias, | Parti, sentindo o sangue enregelar-me as veias, |
|    | De minha alma arrancando o poema nunca lido.    | De minha alma arrancando o poema nunca lido;    |
|    | E assim, vou continuando essa fatal jornada:    | E assim, vou continuando essa fatal jornada,    |
|    | Sombra que nunca amou, que nunca foi amada      | Sombra que nunca amou, que nunca foi amada      |
| 15 | E na vida passou... sem nunca ter vivido!...    | E na vida passou sem nunca ter vivido!...       |

YdeSchloenbach

Rio. 8.7.908.



Inicialmente, observa-se que tanto o manuscrito quanto o impresso seguem a mesma estrutura de poema, o texto escrito está disposto em 15 linhas. A diferença encontrada no manuscrito é que a assinatura da autora ocupa uma linha abaixo do poema, a localização e a data ocupam a linha seguinte, totalizando 17 linhas no manuscrito.

Na terceira linha do manuscrito é possível observar que o acento da palavra “brilhàra” está voltado para o lado esquerdo, como um acento indicativo de crase, enquanto no impresso nota-se o elemento gráfico voltado para o lado direito, como um acento grave: “brilhára”. Na mesma linha, o “ponto e vírgula” do manuscrito foi substituído por uma “vírgula” no impresso.

Na quinta linha do manuscrito há a ocorrência da palavra “soluçar” ao passo que no impresso acontece a substituição pela palavra “pipiar”. Provavelmente, no impresso a substituição leva em consideração que o sujeito da frase seria “andorinha”, portanto, caberia a ave pipiar e não propriamente soluçar. Contudo, não se pode afirmar a autoria exata dessa substituição e nem se a mudança foi feita com base no sujeito.

Outra diferença gráfica foi constatada na linha sete, a palavra “van” é grafada com “n” no final e seguida por ponto final. No impresso, ela vem grafada com til: “vã” seguida por “dois pontos”. A palavra posterior é “Architectei” com letra inicial maiúscula no manuscrito e “architectei”, com minúscula na mesma posição no impresso.

Na oitava linha, a palavra “voragem” encontra-se seguida por “vírgula” no manuscrito, contudo a mesma palavra é acompanhada por uma “exclamação” no impresso.

Na décima segunda linha, o manuscrito traz as palavras grafadas da seguinte maneira: “minh’alma”, onde a palavra “minha” aparece abreviada. Na edição elaborada a partir do manuscrito, a abreviação foi desenvolvida e a letra faltante colocada em itálico, conforme: “*minha*”. No impresso, consta a versão desenvolvida da abreviação: “minha alma”. Na mesma linha, ocorre a substituição de “ponto final” no manuscrito para “ponto e vírgula” no impresso.

Na décima terceira linha, a diferença encontrada foi a supressão da “vírgula” no impresso que ocorre depois da palavra “assim” no manuscrito. E a substituição dos “dois pontos” após a palavra “jornada” no manuscrito por “vírgula” no testemunho impresso.

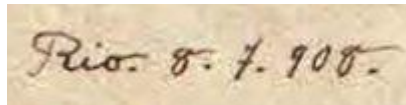
As únicas diferenças ocorridas na décima quinta linha dos documentos foram as supressões da “reticência” após as palavras “passou” e “vivido!” no impresso.

### 5. Breve análise paleográfica e codicológica

Como aporte teórico para o desenvolvimento da breve análise paleográfica foram utilizados os aspectos propostos por Cambraia (2005, p. 24), conforme:

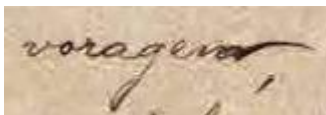
a) classificação da escrita, localização e datação; b) descrição sucinta de características da escrita, a saber: a morfologia das letras (sua forma), o seu traçado ou ductus (ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra), o ângulo (relação entre os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), o módulo (dimensão das letras em termos de pauta) e o peso (relação entre traços finos e grossos das letras); c) descrição sucinta do sistema de sinais abreviativos empregado na referida escrita; d) descrição dos outros elementos não-alfabéticos existentes e de seu valor geral: números, diacríticos, sinais de pontuação, separação vocabular intralinear e translinear, paragrafação, etc.; e) descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções adotadas. (CAMBRAIA, 2005, p. 24)

Observa-se que o manuscrito foi escrito em 08 de julho de [1]908 e tem como localização o Rio de Janeiro, de acordo com o fac-símile do manuscrito:

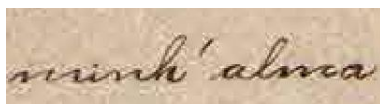


“A maioria da documentação brasileira está registrada em letra humanística” (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 68), o fato de constar a localização “Rio” no manuscrito denota o tipo de letra como humanística.

Com leve inclinação para a direita, a letra é cursiva, em função desse tipo de inclinação, seria possível considerar que o escrevente era uma pessoa destra. O punho de quem escreve o manuscrito é o mesmo de quem assina. A letra é corrida, o ductus da escrita se mantém ao longo do documento, o amanuense demonstra certa habilidade, contudo, é possível perceber que algumas letras possuem um peso maior do que as outras, principalmente nas letras sobreescritas, como mostra o fac-símile do manuscrito:

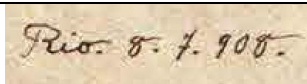
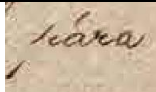

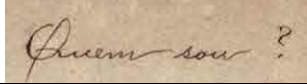
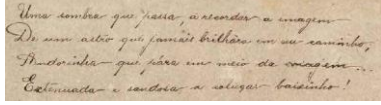


Ainda conforme a imagem obtida do fac-símile, o manuscrito apresenta apenas uma abreviatura, a palavra “minha”:



Dos elementos apontados por Cambraia (2005), no manuscrito analisado há números, diacríticos, sinais de pontuação e paragrafação. O quadro a seguir apresenta um recorte de algumas ocorrências dos elementos encontrados no testemunho.

Quadro 1: Alguns elementos não alfabéticos existentes no *corpus*.

| Elemento  | Valor geral                  | Localização |
|---|------------------------------|-------------|
|    | Número                       | 1.17        |
|    | Diacrítico<br>(Acento grave) | 1.4         |
|    | Diacrítico (Til)             | 1.10        |
|   | Pontuação                    | 1.1         |
|  | Paragrafação                 | 1.2-5       |

Fonte: Elaboração própria.

Aparentemente o texto foi escrito com certa rapidez, dessa forma, algumas letras estão com o peso maior, como se fossem reescritas, é o caso da palavra “voragem”, o “m” final está sobrescrito. Outras palavras apresentam a mesma marca de reescrita, talvez causado por excesso de tinta. Esses fatos não causaram dificuldade na leitura.

Durante a breve análise paleográfica, também foi encontrada a consoante dupla, na palavra “illusões”, conforme imagem do fac-símile:



O “Guia Básico de Descrição Codicológica” proposto por Cambráia (2005) serviu de inspiração para a elaboração da breve análise codicológica, contudo, o uso do fac-símile digitalizado impossibilita a descrição de alguns elementos, tais como: a dimensão da mancha escrita, do fôlio ou margens. Outros elementos não se aplicam para o manuscrito analisado.

O manuscrito “Quem sou?”, de Yde Schloenbach, faz parte do *Álbum dedicado a Ernesto Senna*. O documento encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e está digitalizado em formato de fac-símile, disponível no website da Biblioteca Nacional. O manuscrito pertence à *Coleção Ernesto Senna, Série: Correspondência Recebida*, cuja identificação é I-05,13,010 – Manuscritos.

O manuscrito tem como suporte material o papel e foi escrito em 08 de julho de [1]908, no Rio de Janeiro. É composto por um fôlio. Na mesma folha, está presente uma partitura escrita na vertical do documento, que não será objeto de estudos deste trabalho.

Como a versão fac-similar digitalizada foi utilizada, a dimensão do fôlio, mancha escrita ou margens não são passíveis de mensurar. A contagem das linhas foi iniciada a partir do título do manuscrito. O texto apresenta 17 linhas do começo ao fim, incluindo a data e assinatura do poeta. O documento apresenta a numeração “118”, a marcação foi feita a lápis provavelmente pelo bibliotecário após a entrada na coleção.

O texto não apresenta pauta perceptível, mas segue alinhado e com tabulação de parágrafos. Essa página do documento apresenta carimbo molhado em formato redondo com a inscrição: “Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, no canto superior esquerdo.

O manuscrito está em ótimo estado de conservação, com poucas manchas no corpo do texto, algumas apenas nas extremidades da folha, principalmente nas margens inferiores esquerda e direita, mas nada que impeça a leitura do texto. A umidade pode ser a razão pela qual essas pequenas manchas aparecem no documento. O fôlio também não apresenta

ação de papirógrafos, pragas, rasgos ou perfurações, tão pouco oxidação de tinta. Algumas letras estão sobrescritas apresentando traços sobrepostos da mesma letra, mas nada que dificulte a leitura e nem a identificação das palavras.

## 6. *Considerações finais*

O presente estudo teve como objetivo realizar o cotejo do testemunho impresso do poema “Quem sou?”, de Yde Schloenbach, presente no livro “Vislumbres” (1908) e a edição realizada a partir do manuscrito escrito pela mesma escritora paulista, no dia 08 de julho de [1]908, no Rio de Janeiro, presente no *Álbum dedicado a Ernesto Senna*. Também foi possível descobrir algumas informações sobre Yde Schloenbach, mulher à frente de seu tempo, poeta, conhecedora de idiomas e que utilizou os pseudônimos Colombina e Paula Brasil nas suas publicações.

O trabalho apresentou um recorte da edição fac-similar disponível em formato digital no sítio eletrônico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a edição realizada a partir do manuscrito no *Álbum dedicado a Ernesto Senna*. Na sequência, ocorreu a exposição de fotos das páginas publicadas no livro, a transcrição do impresso e a exposição das duas transcrições lado a lado. Algumas diferenças foram encontradas entre o manuscrito e o impresso, ou seja, durante a comparação entre a versão impressa e o testemunho manuscrito ocorreu, por exemplo, a substituição da palavra “soluçar” por “pipiar”, possivelmente em função do sujeito da frase “andorinha”. Contudo, a autoria exata das mudanças não foi constatada.

Foram apresentados breves comentários paleográficos e codicológicos sobre o manuscrito, inclusive com a elaboração do quadro de alguns componentes do texto, tais como: números, diacríticos, paragrafação, entre outros. O peso da escrita estava diferente em alguns pontos do documento manuscrito, além disso, ocorreu apenas a abreviação da palavra “minha”. Já a breve análise codicológica revelou que o suporte do manuscrito foi o papel, porém para uma análise mais aprofundada seria necessário o acesso físico ao original, na qual seria possível dimensionar o tamanho do fólio, da mancha escrita, das margens, além da identificação do tipo de tinta utilizado.

Conclui-se, portanto, que através desse estudo filológico de comparação entre o documento impresso e a edição realizada a partir do manuscrito, constatou-se que o texto de Yde Schloenbach redigido no ma-

nuscrito possui algumas diferenças, principalmente gráficas, em relação ao que foi publicado no livro “Vislumbres” (1908). Através deste trabalho também foi possível conhecer brevemente a escritora Yde Schloenbach, além de alguns elementos e informações constantes tanto no impresso como no manuscrito do poema estudado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de Paleografia e de Diplomática*. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

BLUMENSCHNEIN, Yde Schloenbach. *Vislumbres*. São Paulo, ed. autor, 1908.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Fundação de Assistência ao Estudante, 1990. v. 1, p. 331.

FARRA, Maria Lúcia Dal. O ardil feminino do pseudônimo: a “Colombina” de Yde Schloenbach Blumenschein. *Cadernos Pagu*, n. 65, p. e226511, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200650011>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p.117.

REZZUTTI, Paulo. *1972-Mulheres do Brasil: a história não contada*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL, B.D.; CARDOSO, E. de A.; CONDÉ, V.G. (Orgs). *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 223-34

Outras fontes:

ÁLBUM dedicado a Ernesto Senna. Rio de Janeiro, 1884–1910. 296 doe. (68 p.). Orig., Aut. Ms. Em francês, português, grego, japonês, espanhol, latim. Contendo: poemas, desenhos, versos e autógrafos de diversas personalidades da época, como Raul Pompéia, Olavo Bilac, Capistrano de Abreu, Coelho Neto, Araripe Júnior, Quintino Bocaiúva, Tobias Monteiro, Lopes Trovão, Georges Dumas, Machado de Assis, José do Patrocínio, Aloísio Azevedo e outros. Encadernação precária. 1-05,23,001.

COLOMBINA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6484/colombina>. Acesso em: 18 de maio de 2023. Verbete da Enciclopédia.